

PAX CHRISTI PORTUGAL



A Justiça e a Paz
também se aprendem

Lisboa
Dezembro de 2011

PAX CHRISTI PORTUGAL

A justiça e a paz também se aprendem

CONTRIBUTOS PARA A CELEBRAÇÃO DO
45º DIA MUNDIAL DA PAZ
1 DE JANEIRO 2012

Lisboa
Dezembro de 2011

A Justiça e a Paz também se aprendem. Contributos para a Celebração do 45º Dia Mundial da Paz. 1 de Janeiro 2012

Produzido por: Pax Christi Portugal

Dezembro de 2011

Disponível on-line em: <http://www.paxchristiportugal.net>

SUMÁRIO

EM JEITO DE INTRODUÇÃO

Educar os jovens para a justiça e a paz, uma tarefa urgente.....	7
--	---

MENSAGEM PARA A CELEBRAÇÃO DO 45º DIA MUNDIAL DA PAZ

Educar os jovens para a justiça e a paz.....	9
--	---

TEXTOS PARA REFLEXÃO

A paz ensina-se?	17
A Educação para a Paz é um tesouro	19
Dimensões do Trabalho de Educação para a Paz.....	21
Características da Educação para a Paz	24
Aprender a Importar-se	25

SUGESTÕES PARA A CELEBRAÇÃO DO DIA MUNDIAL DA PAZ 2012

Liturgia do Dia.....	27
Colectânea de Orações	30
Outras maneiras de assinalar o Dia Mundial da Paz e usar o tema	32
Ideias para trabalhar com crianças.....	39
Para aprofundar.....	41

TEMAS DAS MENSAGENS PARA O DIA MUNDIAL DA PAZ (1968-2012)	43
---	----

EM JEITO DE INTRODUÇÃO...

Educar os jovens para a justiça e a paz, uma tarefa urgente

Entendendo a paz não só como a ausência de guerra ou de conflitos armados, mas sim e essencialmente, como um eixo dinâmico em torno do qual se desenvolvem e se criam formas de ser e de agir em todas as situações da vida pessoal e social conformes com os valores fundamentais de humanidade, como sejam a solidariedade, a justiça, a liberdade, a generosidade, etc., somos obrigados a reconhecer que, numa época em que a perda de referências e de valores sociais é uma realidade cada vez mais marcante para as gerações mais novas, se torna cada vez mais urgente no mundo de hoje pôr em prática uma Educação para a Paz autêntica que tenha por objectivo a aprendizagem destes valores.

Num contexto em que a falta de tempo para os filhos é patente, como poderão as crianças e jovens que crescem isolados, sujeitos ao stress e tensão que lhes transmitem os familiares, os educadores, os meios de comunicação social, acreditar e vivenciar a paz, o respeito pela dignidade da pessoa humana, o diálogo, a cooperação?

Educar para a Paz é uma tarefa que compete não só aos pais e professores, mas

também às instituições sociais, às igrejas, aos meios de comunicação social e a toda a sociedade em geral. Caso contrário, caminharemos para uma situação incontável de intolerância, agressividade e individualismo que nos levará à auto-destruição.

Este “movimento” de Educação para a Paz e, conseqüentemente, de educação para os valores, não se pode, nos dias de hoje, circunscrever somente à educação das gerações mais novas.

Para podermos ser pedagogos da paz todos temos que fazer um esforço para, juntos, nos auto-educarmos para a paz, num processo que dura toda uma vida. Enquanto não formos todos capazes de Viver a Paz, não seremos capazes de transmitir nem de fazer com que ela aconteça no mundo. Não seremos testemunhas autênticas e creíveis.

Temos, pois, que redescobrir o sentido de valores como a tolerância, a solidariedade, a justiça, o perdão, o respeito pelo ser humano. E esta descoberta é tanto mais urgente quanto, neste mundo complexo e globalizado em que vivemos, a interdependência entre os povos e a existência de

peessoas de culturas e origens diferentes num mesmo espaço social se acentuam e se manifestam quotidianamente.

Educar para a paz é, em conclusão, uma forma de estar e uma atitude educativa que permite a aprendizagem da paz como sendo uma vivência e um direito fundamental para o ser humano.

A Pax Christi – Movimento Católico Internacional para a Paz, fundado em França em 1945 com o objectivo de encorajar a reconciliação e a paz no seio das nações feridas pela II Guerra Mundial –, entendendo a Educação para a Paz como essencial para a criação de uma Cultura de Paz e Não-violência, fez dela uma preocupação e uma vertente fundamental da sua missão. A oração, o estudo e a acção constituem os seus pilares.

No próximo Dia Mundial da Paz, o Papa Bento XVI, escolhendo como tema “Educar os jovens para a justiça e a paz”[1], oferece-nos uma magnífica oportunidade para reflectirmos sobre como educar os jovens para a justiça e a paz; como despertar a sua imaginação, para lhes oferecer uma visão do mundo como ele poderia e deveria ser: uma comunidade na qual todos são tratados com justiça e misericórdia e na qual os carenciados e vulneráveis são colocados no centro.

A todos, homens e mulheres, que têm a peito a causa da paz, incumbe a tarefa de mostrar aos jovens que o caminho da violência não leva a lado nenhum e que há alternativas ao conflito, à guerra e à vida insustentável; de lhes abrir os olhos para os desafios do nosso mundo: as desigualdades surpreendentes em termos de riqueza, saúde, oportunidades de educação e expectativa de vida em todo o mundo, o sofrimento de tantos dos nossos irmãos e irmãs.

É fundamental e urgente testemunhar com credibilidade que todos, independentemente da idade, deficiência, origem étnica, religião ou crença, género e orientação sexual, fazem parte de uma única família humana, que deve crescer unida.

Margarida Saco, Vice-presidente da Pax Christi Portugal

Manuel Quintãos, Secretário-geral da Pax Christi Portugal

[1] Esta é a quinta mensagem para o Dia Mundial da Paz dedicada à Educação para a Paz. Paulo VI dedicou a de 1970 ao tema: “Educar-se para a paz através da reconciliação”. João Paulo II dedicou-lhe três mensagens: “Para alcançar a paz, educar para a paz” (1979); “Mulher: educadora de paz” (1995); “Um compromisso sempre actual: educar para a Paz” (2004).

MENSAGEM PARA A CELEBRAÇÃO DO 45º DIA MUNDIAL DA PAZ

EDUCAR OS JOVENS PARA A JUSTIÇA E A PAZ*

1. O INÍCIO DE UM NOVO ANO, dom de Deus à humanidade, induz-me a desejar a todos, com grande confiança e estima, de modo especial que este tempo, que se abre diante de nós, fique marcado concretamente pela justiça e a paz.

Com qual atitude devemos olhar para o novo ano? No salmo 130, encontramos uma imagem muito bela. O salmista diz que o homem de fé aguarda pelo Senhor “mais do que a sentinela pela aurora” (v. 6), aguarda por Ele com firme esperança, porque sabe que trará luz, misericórdia, salvação. Esta expectativa nasce da experiência do povo eleito, que reconhece ter sido educado por Deus a olhar o mundo na sua verdade sem se deixar abater pelas tribulações. Convido-vos a olhar o ano de 2012 com esta atitude confiante. É verdade que, no ano que termina, cresceu o sentido de frustração por causa da crise que aflige a sociedade, o mundo do trabalho e a economia; uma crise cujas raízes são primariamente culturais e antropológicas. Quase parece que um manto de escuridão teria descido sobre o nosso tempo, impedindo de ver com clareza a luz do dia.

Mas, nesta escuridão, o coração do homem não cessa de aguardar pela aurora de que fala o salmista. Esta expectativa mostra-se particularmente viva e visível nos jovens; e é por isso que o meu pensamento se volta para eles, considerando o contributo que podem e devem oferecer à sociedade. Queria, pois, revestir a Mensagem para o XLV Dia Mundial da Paz duma perspectiva educativa: “*Educar os jovens para a justiça e a paz*”, convencido de que eles podem, com o seu entusiasmo e idealismo, oferecer uma nova esperança ao mundo.

A minha Mensagem dirige-se também aos pais, às famílias, a todas as componentes educativas, formadoras, bem como aos responsáveis nos diversos âmbitos da vida religiosa, social, política, económica, cultural e mediática. Prestar atenção ao mundo juvenil, saber escutá-lo e valorizá-lo para a construção dum futuro de justiça e de paz não é só uma oportunidade mas um dever primário de toda a sociedade.

Trata-se de comunicar aos jovens o apreço pelo valor positivo da vida, suscitando neles o desejo de consumá-la ao serviço

* http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/peace/documents/hf_ben-xvi_mes_20111208_xlv-world-day-peace_po.html.

do Bem. Esta é uma tarefa, na qual todos nós estamos, pessoalmente, comprometidos.

As preocupações manifestadas por muitos jovens nestes últimos tempos, em várias regiões do mundo, exprimem o desejo de poder olhar para o futuro com fundada esperança. Na hora actual, muitos são os aspectos que os trazem apreensivos: o desejo de receber uma formação que os prepare de maneira mais profunda para enfrentar a realidade, a dificuldade de formar uma família e encontrar um emprego estável, a capacidade efectiva de intervir no mundo da política, da cultura e da economia contribuindo para a construção duma sociedade de rosto mais humano e solidário.

É importante que estes fermentos e o idealismo que encerram encontrem a devida atenção em todas as componentes da sociedade. A Igreja olha para os jovens com esperança, tem confiança neles e encoraja-os a procurarem a verdade, a defenderem o bem comum, a possuírem perspectivas abertas sobre o mundo e olhos capazes de ver “coisas novas” (Is 42, 9; 48, 6).

Os responsáveis da educação

2. A educação é a aventura mais fascinante e difícil da vida. Educar – na sua etimologia latina *educere* – significa conduzir para fora de si mesmo ao encontro da realidade, rumo a uma plenitude que faz crescer a pessoa. Este processo alimenta-se do encontro de duas liberdades: a do adulto e a do jovem. Isto exige a responsabilidade do discípulo, que deve estar disponível para se deixar guiar no conhecimento da realidade, e a do educador, que deve estar

disposto a dar-se a si mesmo. Mas, para isso, não bastam meros dispensadores de regras e informações; são necessárias testemunhas autênticas, ou seja, testemunhas que saibam ver mais longe do que os outros, porque a sua vida abraça espaços mais amplos. A testemunha é alguém que vive, primeiro, o caminho que propõe.

E quais são os lugares onde amadurece uma verdadeira educação para a paz e a justiça? Antes de mais nada, a família, já que os pais são os primeiros educadores. A família é célula originária da sociedade. “É na família que os filhos aprendem os valores humanos e cristãos que permitem uma convivência construtiva e pacífica. É na família que aprendem a solidariedade entre as gerações, o respeito pelas regras, o perdão e o acolhimento do outro”[1]. Esta é a primeira escola, onde se educa para a justiça e a paz.

Vivemos num mundo em que a família e até a própria vida se vêem constantemente ameaçadas e, não raro, destroçadas. Condições de trabalho frequentemente pouco compatíveis com as responsabilidades familiares, preocupações com o futuro, ritmos frenéticos de vida, emigração à procura dum adequado sustentamento se não mesmo da pura sobrevivência, acabam por tornar difícil a possibilidade de assegurar aos filhos um dos bens mais preciosos: a presença dos pais; uma presença, que permita partilhar de forma cada vez mais profunda o caminho para se poder transmitir a experiência e as certezas adquiridas com os anos – o que só se torna viável com o tempo passado juntos. Queria aqui dizer aos pais para não desanimarem! Com o exemplo da sua vida, induzam os filhos a colocar a esperança antes de tudo em Deus, o único de quem surgem justiça e paz autênticas.

[1] Bento XVI, *Discurso aos administradores da Região do Lácio, do Município e da Província de Roma* (14 de Janeiro de 2011): *L'Osservatore Romano* (ed. port. de 22/I/2011), 5.

Quero dirigir-me também aos responsáveis das instituições com tarefas educativas: Velem, com grande sentido de responsabilidade, por que seja respeitada e valorizada em todas as circunstâncias a dignidade de cada pessoa. Tenham a peito que cada jovem possa descobrir a sua própria vocação, acompanhando-o para fazer frutificar os dons que o Senhor lhe concedeu. Assegurem às famílias que os seus filhos não terão um caminho formativo em contraste com a sua consciência e os seus princípios religiosos.

Possa cada ambiente educativo ser lugar de abertura ao transcendente e aos outros; lugar de diálogo, coesão e escuta, onde o jovem se sinta valorizado nas suas capacidades e riquezas interiores e aprenda a apreciar os irmãos. Possa ensinar a saborear a alegria que deriva de viver dia após dia a caridade e a compaixão para com o próximo e de participar activamente na construção duma sociedade mais humana e fraterna.

Dirijo-me, depois, aos responsáveis políticos, pedindo-lhes que ajudem concretamente as famílias e as instituições educativas a exercerem o seu direito-dever de educar. Não deve jamais faltar um adequado apoio à maternidade e à paternidade. Actuem de modo que a ninguém seja negado o acesso à instrução e que as famílias possam escolher livremente as estruturas educativas consideradas mais idóneas para o bem dos seus filhos. Esforcem-se por favorecer a reunificação das famílias que estão separadas devido à necessidade de encontrar meios de subsistência. Proporcionem aos jovens uma imagem transparente da política, como verdadeiro serviço para o bem de todos.

Não posso deixar de fazer apelo ainda ao mundo dos *media* para que prestem a sua

contribuição educativa. Na sociedade actual, os meios de comunicação de massa têm uma função particular: não só informam, mas também formam o espírito dos seus destinatários e, conseqüentemente, podem concorrer notavelmente para a educação dos jovens. É importante ter presente a ligação estreitíssima que existe entre educação e comunicação: de facto, a educação realiza-se por meio da comunicação, que influi positiva ou negativamente na formação da pessoa.

Também os jovens devem ter a coragem de começar, eles mesmos, a viver aquilo que pedem a quantos os rodeiam. Que tenham a força de fazer um uso bom e consciente da liberdade, pois cabe-lhes em tudo isto uma grande responsabilidade: são responsáveis pela sua própria educação e formação para a justiça e a paz.

Educar para a verdade e a liberdade

3. Santo Agostinho perguntava-se: “*Quid enim fortius desiderat anima quam veritatem* – que deseja o homem mais intensamente do que a verdade?”.[2] O rosto humano duma sociedade depende muito da contribuição da educação para manter viva esta questão inevitável. De facto, a educação diz respeito à formação integral da pessoa, incluindo a dimensão moral e espiritual do seu ser, tendo em vista o seu fim último e o bem da sociedade a que pertence. Por isso, a fim de educar para a verdade, é preciso antes de mais nada saber quem é a pessoa humana, conhecer a sua natureza. Olhando a realidade que o rodeava, o salmista pôs-se a pensar: “Quando contemplo os céus, obra das vossas mãos, a lua e as estrelas que Vós criastes: que é o homem para Vos lembrardes dele, o filho do homem para com

[2] Comentário ao Evangelho de S. João, 26, 5.

ele Vos preocupardes?” (*Sal* 8, 4-5). Esta é a pergunta fundamental que nos devemos colocar: *Que é o homem?* O homem é um ser que traz no coração uma sede de infinito, uma sede de verdade – não uma verdade parcial, mas capaz de explicar o sentido da vida –, porque foi criado à imagem e semelhança de Deus. Assim, o facto de reconhecer com gratidão a vida como dom inestimável leva a descobrir a dignidade profunda e a inviolabilidade própria de cada pessoa. Por isso, a primeira educação consiste em aprender a reconhecer no homem a imagem do Criador e, consequentemente, a ter um profundo respeito por cada ser humano e ajudar os outros a realizarem uma vida conforme a esta sublime dignidade. É preciso não esquecer jamais que “o autêntico desenvolvimento do homem diz respeito unitariamente à totalidade da pessoa em todas as suas dimensões”,[3] incluindo a transcendente, e que não se pode sacrificar a pessoa para alcançar um bem particular, seja ele económico ou social, individual ou colectivo.

Só na relação com Deus é que o homem compreende o significado da sua liberdade, sendo tarefa da educação formar para a liberdade autêntica. Esta não é a ausência de vínculos, nem o império do livre arbítrio; não é o absolutismo do eu. Quando o homem se crê um ser absoluto, que não depende de nada nem de ninguém e pode fazer tudo o que lhe apetece, acaba por contradizer a verdade do seu ser e perder a sua liberdade. De facto, o homem é precisamente o contrário: um ser relacional, que vive em relação com os outros e sobretudo com Deus. A liberdade autên-

tica não pode jamais ser alcançada, afastando-se d’Ele.

A liberdade é um valor precioso, mas delicado: pode ser mal entendida e usada mal. “Hoje um obstáculo particularmente insidioso à acção educativa é constituído pela presença maciça, na nossa sociedade e cultura, daquele relativismo que, nada reconhecendo como definitivo, deixa como última medida somente o próprio eu com os seus desejos e, sob a aparência da liberdade, torna-se para cada pessoa uma prisão, porque separa uns dos outros, reduzindo cada um a permanecer fechado dentro do próprio “eu”. Dentro de um horizonte relativista como este, não é possível, portanto, uma verdadeira educação: sem a luz da verdade, mais cedo ou mais tarde cada pessoa está, de facto, condenada a duvidar da bondade da sua própria vida e das relações que a constituem, da validade do seu compromisso para construir com os outros algo em comum”[4].

Por conseguinte o homem, para exercer a sua liberdade, deve superar o horizonte relativista e conhecer a verdade sobre si próprio e a verdade acerca do que é bem e do que é mal. No íntimo da consciência, o homem descobre uma lei que não se impôs a si mesmo, mas à qual deve obedecer e cuja voz o chama a amar e fazer o bem e a fugir do mal, a assumir a responsabilidade do bem cumprido e do mal praticado.[5] Por isso o exercício da liberdade está intimamente ligado com a lei moral natural, que tem carácter universal, exprime a dignidade de cada pessoa, coloca a base dos seus direitos e deveres fun-

[3] Bento XVI, Carta enc. *Caritas in veritate* (29 de Junho de 2009), 11: AAS 101 (2009), 648; cf. Paulo VI, Carta enc. *Populorum progressio* (26 de Março de 1967), 14: AAS 59 (1967), 264.

[4] Bento XVI, *Discurso por ocasião da abertura do Congresso eclesial diocesano na Basílica de São João de Latrão* (6 de Junho de 2005): AAS 97 (2005), 816.

[5] Cf. Conc. Ecum. Vat. II, Const. past. sobre a Igreja no mundo contemporâneo *Gaudium et spes*, 16.

damentais e, consequentemente, da convivência justa e pacífica entre as pessoas.

Assim o recto uso da liberdade é um ponto central na promoção da justiça e da paz, que exigem a cada um o respeito por si próprio e pelo outro, mesmo possuindo um modo de ser e viver distante do meu. Desta atitude derivam os elementos sem os quais paz e justiça permanecem palavras desprovidas de conteúdo: a confiança recíproca, a capacidade de encetar um diálogo construtivo, a possibilidade do perdão, que muitas vezes se quereria obter mas sente-se dificuldade em conceder, a caridade mútua, a compaixão para com os mais frágeis, e também a prontidão ao sacrifício.

Educar para a justiça

4. No nosso mundo, onde o valor da pessoa, da sua dignidade e dos seus direitos, não obstante as proclamações de intentos, está seriamente ameaçado pela tendência generalizada de recorrer exclusivamente aos critérios da utilidade, do lucro e do ter, é importante não separar das suas raízes transcendentais o conceito de justiça. De facto, a justiça não é uma simples convenção humana, pois o que é justo determina-se originariamente não pela lei positiva, mas pela identidade profunda do ser humano. É a visão integral do homem que impede de cair numa concepção contratualista da justiça e permite abrir também para ela o horizonte da solidariedade e do amor.[6]

Não podemos ignorar que certas correntes da cultura moderna, apoiadas em princípios económicos racionalistas e individua-

listas, alienaram das suas raízes transcendentais o conceito de justiça, separando-o da caridade e da solidariedade. Ora “a “cidade do homem” não se move apenas por relações feitas de direitos e de deveres, mas antes e sobretudo por relações de gratuidade, misericórdia e comunhão. A caridade manifesta sempre, mesmo nas relações humanas, o amor de Deus; dá valor teológico e salvífico a todo o empenho de justiça no mundo”.[7]

“Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados” (Mt 5,6). Serão saciados, porque têm fome e sede de relações justas com Deus, consigo mesmo, com os seus irmãos e irmãs, com a criação inteira.

Educar para a paz

5. “A paz não é só ausência de guerra, nem se limita a assegurar o equilíbrio das forças adversas. A paz não é possível na terra sem a salvaguarda dos bens das pessoas, a livre comunicação entre os seres humanos, o respeito pela dignidade das pessoas e dos povos e a prática assídua da fraternidade”.[8] A paz é fruto da justiça e efeito da caridade. É, antes de mais nada, dom de Deus. Nós, os cristãos, acreditamos que a nossa verdadeira paz é Cristo: n’Ele, na sua Cruz, Deus reconciliou consigo o mundo e destruiu as barreiras que nos separavam uns dos outros (cf. Ef 2,14-18); n’Ele, há uma única família reconciliada no amor.

A paz, porém, não é apenas dom a ser recebido, mas obra a ser construída. Para sermos verdadeiramente artífices de paz, devemos educar-nos para a compaixão, a solidariedade, a colaboração, a fraternida-

[6] Cf. Bento XVI, *Discurso no Parlamento federal alemão* (Berlim, 22 de Setembro de 2011): *L’Osservatore Romano* (ed. port. de 24/IX/2011), 4-5.

[7] Bento XVI, Carta enc. *Caritas in veritate* (29 de Junho de 2009), 6: AAS 101 (2009), 644-645.

[8] *Catecismo da Igreja Católica*, 2304.

de, ser activos dentro da comunidade e solícitos em despertar as consciências para as questões nacionais e internacionais e para a importância de procurar adequadas modalidades de redistribuição da riqueza, de promoção do crescimento, de cooperação para o desenvolvimento e de resolução dos conflitos. “Felizes os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus” – diz Jesus no sermão da montanha (Mt 5,9).

A paz para todos nasce da justiça de cada um, e ninguém pode subtrair-se a este compromisso essencial de promover a justiça segundo as respectivas competências e responsabilidades. De forma particular convido os jovens, que conservam viva a tensão pelos ideais, a procurarem com paciência e tenacidade a justiça e a paz e a cultivarem o gosto pelo que é justo e verdadeiro, mesmo quando isso lhes possa exigir sacrifícios e obrigue a caminhar contracorrente.

Levantar os olhos para Deus

6. Perante o árduo desafio de percorrer os caminhos da justiça e da paz, podemos ser tentados a interrogar-nos como o salmista: “Levanto os olhos para os montes, de onde me virá o auxílio?” (Sal 121, 1).

A todos, particularmente aos jovens, quero bradar: “Não são as ideologias que salvam o mundo, mas unicamente o voltar-se para o Deus vivo, que é o nosso criador, o garante da nossa liberdade, o garante do que é deveras bom e verdadeiro (...), o voltar-se sem reservas para Deus, que é a medida do que é justo e, ao mesmo tempo, é o amor eterno. E que mais nos poderia salvar senão o amor?”.[9] O amor rejubila com a verdade, é a força que torna capaz de comprometer-se pela verdade,

pela justiça, pela paz, porque tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta (cf. 1 Cor 13, 1-13).

Queridos jovens, vós sois um dom precioso para a sociedade. Diante das dificuldades, não vos deixeis invadir pelo desânimo nem vos abandoneis a falsas soluções, que frequentemente se apresentam como o caminho mais fácil para superar os problemas. Não tenhais medo de vos empenhar, de enfrentar a fadiga e o sacrifício, de optar por caminhos que requerem fidelidade e constância, humildade e dedicação.

Vivei com confiança a vossa juventude e os anseios profundos que sentis de felicidade, verdade, beleza e amor verdadeiro. Vivei intensamente esta fase da vida, tão rica e cheia de entusiasmo.

Sabei que vós mesmos servis de exemplo e estímulo para os adultos, e tanto mais o sereis quanto mais vos esforçardes por superar as injustiças e a corrupção, quanto mais desejardes um futuro melhor e vos comprometerdes a construí-lo. Cientes das vossas potencialidades, nunca vos fecheis em vós próprios, mas trabalhai por um futuro mais luminoso para todos. Nunca vos sintais sozinhos! A Igreja confia em vós, acompanha-vos, encoraja-vos e deseja oferecer-vos o que tem de mais precioso: a possibilidade de levantar os olhos para Deus, de encontrar Jesus Cristo – Ele que é a justiça e a paz.

Oh vós todos, homens e mulheres, que tendes a peito a causa da paz! Esta não é um bem já alcançado mas uma meta, à qual todos e cada um deve aspirar. Olhe-mos, pois, o futuro com maior esperança, encorajemo-nos mutuamente ao longo do nosso caminho, trabalhemos para dar ao nosso mundo um rosto mais humano e fraterno e sintamo-nos unidos na respon-

[9] Bento XVI, *Homília durante a vigília com os jovens* (Colónia, 20 de Agosto de 2005): AAS97 (2005), 885-886.

sabilidade que temos para com as jovens gerações, presentes e futuras, nomeadamente quanto à sua educação para se tornarem pacíficas e pacificadoras! Apoiado em tal certeza, envio-vos estas reflexões que se fazem apelo: Unamos as nossas forças espirituais, morais e materiais, a fim de “educar os jovens para a justiça e a paz”.

Vaticano, 8 de Dezembro de 2011.

Benedictus PP XVI

A educação inspirada na visão da paz é mais do que uma instrução no quadro das estratégias do trabalho pela paz. É uma formação do carácter profundamente espiritual que envolve a família, a igreja e a sociedade. A educação para a paz ensina-nos a cultivar o espírito da paz, a inculcar respeito pelos direitos humanos e a imaginar e a adoptar alternativas à violência.

*World Council of Churches
An Ecumenical Call to Just Peace, n. 28*

AS MINHAS REFLEXÕES:

A PAZ ENSINA-SE?*

Começarei por dizer que não sei se a paz se ensina. Sei, contudo, que a paz se aprende.

Tentando explicar-me: não sei se a paz se ensina e, no caso afirmativo, se é possível ensiná-la à maneira de um teorema, de uma lei física, de um sistema de causas e efeitos sociais. Em suma, como um “objecto cognitivo” que se conhece por meio da racionalidade lógica. Ou, pelo contrário, dar-se-á o caso que o acesso ao “conhecimento da paz” tenha uma trajetória menos linear, por se tratar de um “objecto político”, preensível, apenas, por meio da “acção racional”?

Conhecer a paz, saber do que se trata, envolve certamente um momento de reflexão fundamentante. Um momento de debate, de aproximações e de distanciamentos. Inserida no campo dos valores, a paz não é isolável de outras realidades axiológicas e a axiologia é sempre dilemática. Como conciliar a paz com o valor da justiça, como preservar a justiça e a paz ao mesmo tempo? Se a paz é um dever-ser, um valor ético, como o situamos relativamente a valores políticos, a valores

sociais? Deveremos, acaso, renunciar à justiça para defender a paz? Ou, antes, deveremos reconhecer que não há paz sem justiça nem justiça sem paz?

Momento de fundamentação, de reflexão aprofundante, que, para não ser um jogo de palavras, terá de entrar no âmago vivo das questões concretas, dos problemas de hoje, da tragédia histórica dos dias nossos.

Neste limiar, a paz aprende-se mas não se ensina, pelo menos à maneira de quem transmite uma demonstração matemática. Aprende-se no debate organizado, é certo, mas aprende-se na escuta *do outro*, na resposta ao outro, no diálogo com *o outro*, na pluralidade do *nós* e do *vós*, no interior de uma comunidade humana interactiva.

Suponhamos que essa comunidade é a escola, ou a turma, e que o trabalho se desenvolve com base nos acontecimentos do dia-a-dia, aqui e agora, neste nosso mundo ou noutro ponto do planeta, no incidente ocorrido na turma ou na escola, no livro que se leu, ou na proposta de leitura que foi feita, no filme ou na peça de teatro que se viu, no depoimento vivido ou

* ROGÉRIO FERNANDES — *A paz ensina-se?* In http://www.triplov.com/ista/cadernos/cad_09/r_fernandes.html.

nos memoráveis do pretérito. Acaso a paz se ensina por meio da palavra doutoral ou da exortação retórica? Acaso não era assim que se procedia em torno da “pátria”, da “nação”, da “bandeira” ou do “hino”? Com que eficácia?

Os valores internalizam-se através do sujeito e da sua operacionalidade. Se o sujeito activo se não apropria deles, se os não torna parte de si próprio, não se forma o *habitus*, a “cultura axiológica” que faz o nosso *graduamento* do real humano.

A construção axiológica de uma “cultura de paz” produz-se na reflexão e no debate, num plano de abertura autêntica ao *outro*. É consequência de uma dialéctica em que o *eu* e o *nós* se confrontam para coexistirem ambos mais além.

Ainda que evitemos, porém, os rituais retóricos das tradições escolares dogmáticas, o diálogo axiológico é apenas um ponto de partida. Uma “cultura de paz” não pode emergir se não aspira a regular as relações dos homens entre si e com o mundo. Isto é, se não assentar numa *práxis*, na acção transformadora do homem *no* mundo. Voltando à instituição escolar na sua vocação formativa, como *oficina do ser*, torna-se indispensável a *acção racional*.

Para tanto, é preciso transformar a escola. Tradicionalmente, é ela o lugar onde se *ouve*. Hoje é preciso que seja também um lugar onde se *age*. Onde colectivos de jovens sejam livres de tomar iniciativas, de as discutir e planear, de as avaliar, e que professores os acompanhem nessa aventura. Concretizando a paz ou a sua defesa, exigindo-a *na acção concertada*.

Quem olhe muitas das nossas escolas, na sua realidade tangível, poderá duvidar desta utopia ou declarar que a paz bem compreendida começa por nós. Em muitos casos, dir-se-á, mais parece necessária a disciplinação repressiva do que a democracia libertadora. Até agora, eram os alunos as vítimas. Presentemente, em certas escolas, são os professores ou os alunos mais novos os alvos das violências. Praticam-se agressões físicas, vandalizam-se equipamentos ou instalações, a escola é agredida a partir do exterior ou do interior. Neste quadro, como viabilizar uma “cultura de paz”, se os alunos transportam para a escola os procedimentos de um mundo que está ausente, pela sua própria marginalidade, da eticidade do comportamento?

O discurso da permissividade e da complacência “compreensiva” apenas deixa de pé o problema da construção de uma “cultura de paz”. O caminho necessário e possível passa por outra direcção. É preciso apostar nos valores da democracia e da paz, da autonomia, da liberdade e da responsabilização. A paz é preciso *trabalhá-la*, no mais distante e no mais próximo. Também nas escolas perigosas, à beira do abismo? À beira do abismo.

A EDUCAÇÃO PARA A PAZ É UM TESOURO*

Ao contemplarmos o passado e o presente da humanidade, percebemos muitas marcas de violência. Mas temos boas notícias: avançamos muito na implantação da democracia, na prática da solidariedade e do voluntariado, nos direitos humanos, no cuidado com o meio ambiente, na valorização da diversidade, dentre tantas outras ações a favor da paz. Ao investir esforços na Educação para a Paz, acreditamos que podemos criar um futuro cada vez mais harmonioso.

Educar é empreender uma aventura criativa. Ao navegar no mar precisamos de ter uma direção definida e precisa (“navegar é preciso”). Mas, ao navegar nas correntes e tempestades da vida, dificilmente sabemos, com precisão, o caminho que devemos tomar (“viver não é preciso”). E para educar, assim como para viver, é necessário aventurar-se.

Educar para a Paz é uma aventura que vai além da simples transferência de conhecimentos. Significa empreender uma linda jornada pelo mundo exterior e interior. Uma viagem repleta de desafios e muitas belas paisagens.

Por onde iniciar esta jornada? Vamos olhar à nossa volta. Vivemos numa sociedade tecnocrática, que desencadeou profundos problemas sociais e ecológicos. Observando o papel da educação e dos média, percebemos que cultivam valores tais como a competitividade, o sucesso a qualquer preço, a lógica fria, o consumo.

A cultura molda as nossas ideias e atitudes. Para construir uma Cultura de Paz precisamos, portanto, de uma nova coreografia: uma mudança nos nossos padrões mentais e ações. Sabemos que as visões instrumentais e mecanicistas da educação, predominantes até há pouco tempo, não têm sido capazes de reverter esses valores e responder aos problemas mais essenciais da humanidade.

Embora a educação ambiental já faça parte do cotidiano do educador, apenas agora estamos a despertar para a necessidade vital de incluir a Educação para a Paz, e apoiar a UNESCO no movimento gerador de mudanças de uma cultura que prega saberes, valores e ações voltados para a violência, para uma cultura comprometida com a paz e a não-violência.

* LIA DISKIN e LAURA GORRESIO ROIZMAN — *Paz, como se faz?: semeando cultura de paz nas escolas*. Brasília: Governo do Estado de Sergipe, UNESCO, Associação Palas Athena, 2002, p. 11.

A Educação para a Paz é um “processo pelo qual se promovem conhecimentos, habilidades, atitudes e valores necessários para induzir mudanças de comportamento que possibilitam às crianças, aos jovens e aos adultos prevenir a violência (tanto na sua manifestação directa, como na sua forma estrutural); resolver conflitos de forma pacífica e criar condições que conduzam à paz (na sua dimensão intrapessoal; interpessoal; ambiental; intergrupar; nacional e/ou internacional)”. Referenciais interessantes emergem desta definição. A Educação para a Paz é um processo que dura toda nossa vida, permeia todas as idades, o seu campo de actuação é por essência complexo e multifacetado. Além de acontecer nas escolas, tem que estar presente no nosso quotidiano: nos meios de comunicação, nas relações pessoais, na organização das instituições, no meio da família.

A educação é um processo cultural no qual estamos totalmente imersos. Em contacto com os aprendizes, quer estejamos ou não dentro do espaço de uma escola, a educação permeia tudo que nos cerca, os gestos, olhares e palavras. As posturas e movimentos. Há um discurso silencioso na nossa presença, que movimenta ideais, transmite valores e percepções.

Educar para a Paz requer o “querer bem” dos aprendizes. Não há educação sem transformação. Não há mudança sem encontro, acolhimento e espaço de partilha. Envolve, enfim, uma mudança profunda nos nossos sistemas de pensamento e de ensino, pois não se preocupa apenas com a transmissão de saberes, mas com a formação de uma nova maneira de ser.

AS MINHAS REFLEXÕES:

DIMENSÕES DO TRABALHO DE EDUCAÇÃO PARA A PAZ*

Educarmo-nos para a Paz no espírito das bem-aventuranças e actuar no mundo em que vivemos supõe que o “artífice da paz” desenvolva três dimensões do seu agir: a oração, o estudo e a acção ou intervenção. Cada uma delas é igualmente importante, tanto mais que se penetram mutuamente, dando assim origem a um agir integrado.

1. A oração

A Paz a que o cristão aspira é aquela que Jesus deixou aos seus discípulos depois da morte e ressurreição. É esta Paz que queremos receber e dar ao mundo.

O Evangelho mostra-nos que são os corações vazios que mais facilmente são contemplados com os bens celestes: “aos famintos encheu de bens e aos ricos despediu de mãos vazias” (Lc 1, 53). A oração é esse espaço de abertura do coração à compreensão e à vivência do Mistério Pascal donde brota a Paz. É o esvaziar do coração das nossas supostas riquezas e forças para nos reconstruirmos na luz e na força do Espírito. É da contemplação que nasce a acção.

A oração é também testemunho de fé quando colectivamente nos reunimos para alcançar de Deus as bênçãos para o nosso empenhamento. “Quando dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles” (Mt 18, 20).

2. O estudo

Educarmo-nos para a Paz supõe sabermos que tipo de sociedade queremos, qual o modelo ideal e, de forma mais concreta, qual a sociedade mais justa ou qual a sociedade em que é mais possível a paz.

Qualquer que seja o sistema social encarado como ideal ele terá forçosamente de assentar no respeito pelos Direitos Humanos.

Educarmo-nos para a Paz é abrimo-nos para uma formação global que exige o despertar da consciência e das aptidões requeridas para a construção dessa sociedade ideal. É necessário, por exemplo, adquirir conhecimentos sobre temas como o *armamento* (corrida aos armamentos, comércio de armas, equilíbrio militar, defesa nacional, países 'alinhados/não-

* LUÍSA FRANÇA; TERESA MARTINHO PEREIRA — A educação para a Paz. *Communio*. 6(1989) 158-160.

alinhados, desarmamento, pacifismo); sobre *sistemas políticos* (democracia/ditadura, liberdade/ /privação da liberdade, capitalismo, socialismo, ideologias, poder, cooperação internacional, posição das minorias); sobre *problemas de desenvolvimento* (pobreza, subdesenvolvimento/superdesenvolvimento, solidariedade interna/ /cooperação para o desenvolvimento, neocolonialismo, terceiro mundo); sobre a *não-violência* (violência pessoal/estrutural, violência revolucionária, violência de libertação, acções violentas, terrorismos, objecção de consciência) e sobre a *ruptura do equilíbrio ecológico* (esgotamento das reservas de matérias-primas, fontes de energia alternativas, poluição industrial).

A par desta aquisição de material há outra área de formação não menos importante - 'a aprendizagem de atitudes e comportamentos. Desenvolver qualidades tais como o espírito de independência e autonomia, a aptidão para fazer juízo crítico, a abertura à informação e à solidariedade, o espírito democrático, a capacidade para se defender da manipulação, a consciência da necessidade de ultrapassar preconceitos, etc.

Estas atitudes devem criar-se desde a idade infantil para que a informação e o conhecimento relativo aos problemas mundiais e às estruturas de violência possam ser assimilados activamente.

É muito importante que a nossa formação de atitudes e a aquisição de conhecimentos evoluam em harmonia.

3. Acção ou intervenção

As acções a favor da Paz são naturalmente diversificadas. Elas tomam a forma do contexto cultural em que vivemos e/ou trabalhamos e da nossa capacidade criati-

va de aí actuar. A escola, a comunidade cristã, a família são lugares privilegiados para uma educação para a Paz, sem esquecer o papel imprescindível da comunicação social na formação da opinião pública.

Trata-se de criar uma movimentação cultural através de iniciativas que visem a informação, a sensibilização e a análise aprofundada de algumas questões mundiais e ainda o intercâmbio entre os povos. Quanto maior for a formação adquirida sobre determinada questão tanto melhor se encontrará a forma de intervenção adequada. Isto é particularmente relevante quando se manifestam iniciativas de educação para a Paz em acções de defesa dos Direitos Humanos de uma pessoa, grupo ou país, ou quando se trata de discussões acerca das questões relacionadas com o desarmamento e a segurança.

No limiar do século XXI e de uma nova civilização caracterizada pelas rápidas e complexas mudanças, constata-se a necessidade de se reverem valores e acções examinando a prática pedagógica, orientando-a para uma educação em direitos e valores humanos e para a paz.

Maria Emanuel Almeida

A estratégia de Paz deverá sempre assentar na arte de persuasão e não sobre a ameaça, procurando-se a consulta das partes em conflito em vista à cooperação entre ambas através da reconciliação, redução das diferenças e melhoramento da compreensão mútua.

Concluindo, julgamos poder apontar três linhas fundamentais no trabalho de educação para a Paz:

- Denunciar o que nos parece absurdo aos nossos olhos, independentemente de saber à partida como solucionar, porque aquilo que é absurdo reenvia-nos forçosamente a questões existenciais, a questões de valor. E daqui que poderão surgir pistas de solução.

- Criar um laço vivo com o mundo empenhando-nos num processo de acção/reflexão e de reflexão/acção, abrindo-nos a uma formação global. Deste modo defendemo-nos do novo analfabetismo: a incapacidade de saber ler o mundo.

- Agir em profundidade dentro do horizonte em que me é dado existir, isto é, responder segundo a Fé, os conhecimentos e as capacidades. Dar atenção ao essencial do nosso agir forçosamente vai significar mudança das nossas estruturas (mentalidade e hábitos) antes de querer mudar as estruturas da sociedade que impedem a Paz.

Com estas linhas mestras acreditamos que cada cristão pode viver e construir a Paz, pode criar uma cultura de Paz em alternativa à cultura de violência dominante.

AS MINHAS REFLEXÕES:

CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO PARA A PAZ*

A educação para a paz [...] é um processo e não um acto isolado. Portanto, não conseguiremos ser pacifistas num dia. Será percurso de toda uma vida. Educar para a paz não é questão de comemorar uma data, nem de nos ocuparmos dela durante uma campanha de semanas ou meses. Exige um processo que começa, continua e termina, para iniciar, continuar e terminar novamente, mais profundamente.

É um processo dinâmico, não imutável, nem estático. O conceito de paz como o das atitudes e capacidades correspondentes é sujeito a modificações. Cada época histórica possui a sua interpretação de paz. Não existe um conceito de paz e de educação para a paz imutável, feita uma vez para sempre, e igual. Este facto mostra a evolução que sofreu o conceito de paz, desde a paz negativa até à paz positiva existe uma mudança muito grande de conceptualização.

O processo descrito procura a aquisição pessoal de um valor, isto é, de um bem criticamente desejado e proclamado para satisfazer uma exigência humana que aperfeiçoa e procura a felicidade para o homem. Este valor formula-se em termos

de atitudes ou de hábitos. Por isso, a pessoa que apresente tais atitudes está disponível a trabalhar a favor da paz.

O objectivo dessa atitude pacifista concretiza-se num comportamento não violento. O não-violento resolve os conflitos através do diálogo, reflectindo, raciocinando, com a ajuda de fundamentações, defendendo quanto considera verdadeiro. O diálogo implica uma atitude de escuta e de abertura para com o outro, de modo a receber a sua riqueza e elaborar depois, interactivamente, uma conclusão que pressupõe uma nova luz não coincidente com uma tomada de posição nem com a outra, mas com a criação dialéctica de uma mensagem, em parte comum e, em parte, diferente das posições iniciais de ambos os sujeitos intervenientes.

* MARIA EMANUEL MELO DE ALMEIDA — *A Educação para a paz*. Lisboa: Paulinas, 2002, p. 114-115.

APRENDER A IMPORTAR-SE*

Acredito que à medida que avançamos para o próximo século as nossas necessidades exijam que acrescentemos a *Learning To Be* [Aprender a ser] uma noção nova e ainda mais básica de humanidade que deveria impregnar o sistema educativo e mesmo as nossas comunidades. Esse conceito é o que eu chamo de “Aprender a Importar-se”. Isto significa dar e partilhar. [...] Quando é assim os indivíduos são pessoas. Não se limitam a ser contados. Também contam.

“Aprender a Importar-se” significa que o currículo educativo deveria incluir todo o respeito e atenção necessários para fomentar e acalantar o altruísmo nas nossas crianças e em nós mesmos. É muito difícil descrever um conceito como o do altruísmo apenas em termos puramente racionais ou clínicos. O altruísmo implica a capacidade de ultrapassarmos as nossas necessidades e os nossos desejos imediatos de modo a conseguirmos agir com muito amor e respeito por todos os que nos rodeiam. Implica a capacidade de transcender os estreitos limites do nosso

meio ou das nossas especializações, de ir mais longe e de contribuir para o mundo.

Desta forma, para mim, e espero que para todos os que apoiam este tipo de esforços, “Aprender a Importar-se” seria uma forma de edificar, na escola, aqueles valores éticos fundamentais que têm sido a pedra de toque duma grande parte do que é lindo e criativo na vida comunitária. “Aprender a Importar-se” implica, antes de tudo, importarmo-nos connosco, que significa, no meu entender, instilarmo-nos daquele sentimento de dignidade e auto-respeito que torna todos os outros actos sociais possíveis. “Aprender a Importar-se” também implica importarmo-nos com a natureza e o meio-ambiente e com o nosso papel neles. Significa que todos temos de possuir um certo nível de conhecimentos científicos e ecológicos para conseguirmos perceber os fenómenos ambientais que podem, potencialmente, ameaçar ou destruir as formas de vida actuais. Afinal se o fenómeno do efeito de estufa continuar a evoluir, parece não haver dúvidas de que

* FEDERICO MAYOR — *A nova página*. Lisboa: Edições 70, 1999, p. 57-60.

se produzirão mudanças profundas na maneira como vivemos. Significa que a preocupação com a natureza terá de traduzir-se em decisões e atitudes muito concretas da parte de todos nós.

[...] Ao aprendermos a preocupar-nos com a natureza e depois ao aprendermos a preocupar-nos com e a tolerar as diferenças e a situação dos outros, podemos tornar-nos cidadãos activos nas nossas comunidades, e mesmo da comunidade global, mais ampla, de uma forma que permitirá encontrar soluções para os problemas. Num sentido mais lato, isto também significa preocuparmo-nos com cada vida individual neste planeta o suficiente para nunca virmos a ser vítimas daquilo a que alguns chamam “cansaço da compaixão”.

O “cansaço da compaixão” envolve, supostamente, aquele cansaço da fibra moral, aquela apatia, ou mesmo anomia, que as audiências parecem manifestar, por vezes, quando estão confrontados repetidas vezes com imagens de fome e de sofrimento em particular nos países mais pobres. A compaixão não deveria ser um sentimento passível de cansaço. E acredito que poderá manter-se activa e alerta desde que seja expressa em actos que têm como objectivo resolver o problema. Seja qual for a importância desses primeiros actos, em vez de nos limitarmos a observar ou a sentir, devemos estar sempre preparados para avançar e encontrar mecanismos e soluções para a pobreza e o sofrimento, aqui e agora.

Para aprendermos a preocupar-nos, logo a partir da mais tenra idade, é necessário contarmos com estruturas familiares e/ou educativas profundamente solícitas que enfatizem a necessidade de ver e sentir o que se passa à nossa volta, fazendo-nos sentir que podemos dar a nossa contribuição. [...] De alguma forma - e os nossos melhores professores sabem como o fazer - temos de criar uma geração de professores, em particular ao nível do ensino primário (e também, se tudo correr bem, para todos os outros níveis de ensino até ao das especializações mais difíceis) que estabeleça a relação entre o conjunto de conhecimentos abrangido e o nível de responsabilidades éticas devidas ao mundo em geral. [...]

Para aprendermos a importar-nos temos de nos basear nesta crença: que cada um de nós deve interiorizar os problemas e os absurdos e as contradições do que se passa à nossa volta e sentir um certo entusiasmo para alterar tudo isso.

SUGESTÕES PARA A CELEBRAÇÃO DO DIA MUNDIAL DA PAZ 2012

LITURGIA DO DIA

INTRODUÇÃO À CELEBRAÇÃO

Iniciamos hoje um novo ano. No âmbito da celebração do 45º Dia Mundial da Paz, o Papa Bento XVI, na sua mensagem para este dia, convida-nos a reflectir sobre o tema *“Educar os jovens para a justiça e a paz”* e a prestarmos atenção ao mundo juvenil, a saber escutá-lo e valorizá-lo para a construção dum futuro de justiça e de paz.

A celebração deste Dia oferece-nos uma magnífica oportunidade para reflectirmos sobre como educar os jovens para a justiça e a paz; como despertar a sua imaginação, para lhes oferecer uma visão do mundo como ele poderia e deveria ser: *uma única família humana*, na qual todos, independentemente da idade, deficiência, origem étnica, religião ou crença, género e orientação sexual, são tratados com justiça e misericórdia.

ACTO PENITENCIAL

(Momento de silêncio)

Porque não nos deixamos mover antes e sobretudo por relações de gratuidade, misericórdia e comunhão, voltemo-nos para Cristo em oração:

Senhor Jesus, que proclamastes felizes os que têm fome e sede de justiça,
Senhor, misericórdia.

Cristo Jesus, que proclamastes felizes os pacificadores,
Cristo, misericórdia.

Senhor Jesus, que sois a justiça e a paz,
Senhor, misericórdia.

ORAÇÃO DOS FIÉIS

P. Elevemos ao Deus Vivo, nosso criador e garante da nossa liberdade, a nossa oração fervorosa, dizendo:

T. SENHOR, NA VOSSA MISERICÓRDIA, ESCUTAI A NOSSA ORAÇÃO.

L. Pela Igreja, para que acompanhe os jovens, os encoraje e lhes ofereça o que tem de mais precioso: a possibilidade de levantar os olhos para Deus, de encontrar Jesus Cristo – Ele que é a justiça e a paz: OREMOS IRMÃOS AO SENHOR.

Pausa — dar tempo suficiente para que as pessoas possam orar

T. SENHOR, NA VOSSA MISERICÓRDIA, ESCUTAI A NOSSA ORAÇÃO.

L. Pelos responsáveis políticos, para que ajudem as famílias e as instituições educativas a exercerem o seu direito-dever de educar e actuem de modo que a ninguém seja negado o acesso à instrução e que as famílias possam escolher livremente as estruturas educativas consideradas mais idóneas para o bem dos seus filhos: OREMOS IRMÃOS AO SENHOR.

T. SENHOR, NA VOSSA MISERICÓRDIA, ESCUTAI A NOSSA ORAÇÃO.

L. Pelas famílias, primeira escola onde se educa para a justiça e a paz, para que com o exemplo da sua vida, induzam os filhos a colocar a esperança antes de tudo em Deus, o único de quem surgem justiça e paz autênticas: OREMOS IRMÃOS AO SENHOR.

T. SENHOR, NA VOSSA MISERICÓRDIA, ESCUTAI A NOSSA ORAÇÃO.

L. Pelos responsáveis das instituições com tarefas educativas, para que velem, com grande sentido de responsabilidade, por que seja respeitada e valorizada em todas as circunstâncias a dignidade de cada pessoa: OREMOS IRMÃOS AO SENHOR.

T. SENHOR, NA VOSSA MISERICÓRDIA, ESCUTAI A NOSSA ORAÇÃO.

L. Pelos meios de comunicação social, para que prestem a sua contribuição educativa assumindo a sua função particular de não só informarem, mas também formarem o espírito dos seus destinatários e assim concorrerem notavelmente para a educação dos jovens: OREMOS IRMÃOS AO SENHOR.

T. SENHOR, NA VOSSA MISERICÓRDIA, ESCUTAI A NOSSA ORAÇÃO.

L. Pelos jovens, para que tenham a coragem de começar, eles mesmos, a viver aquilo que pedem a quantos os rodeiam, e se responsabilizem pela sua própria educação e formação para a justiça e a paz: OREMOS IRMÃOS AO SENHOR.

T. SENHOR, NA VOSSA MISERICÓRDIA, ESCUTAI A NOSSA ORAÇÃO.

L. Por todos nós aqui reunidos, para que nos sintamos unidos na responsabilidade que temos para com as jovens gerações, presentes e futuras, nomeadamente quanto à sua educação para se tornarem pacíficas e pacificadoras: OREMOS IRMÃOS AO SENHOR.

T. SENHOR, NA VOSSA MISERICÓRDIA, ESCUTAI A NOSSA ORAÇÃO.

P. Senhor, nosso Pai, que amais a justiça e estabeleceis a paz na terra, abri o nosso espírito às exigências concretas do amor de todos os nossos irmãos e irmãs, para que possamos dar ao nosso mundo um rosto mais humano e fraterno. Isto vos pedimos por Jesus Cristo Vosso Filho e nosso Senhor.

T. AMEN.

BÊNÇÃO FINAL

O Senhor vos abençoe e vos guarde,
vos mostre a sua face
e se compadeça de vós.
Volva para vós o seu rosto,
e vos dê a paz.
O Senhor vos abençoe, irmãos e irmãs.

DESPEDIDA

Queridos jovens, vós sois um dom precioso para a sociedade.
Não vos deixeis invadir pelo desânimo nem vos abandoneis a falsas soluções.
Não tenhais medo de vos empenhar, de enfrentar a fadiga e o sacrifício.
Vivei com confiança a vossa juventude e os anseios profundos que sentis de felicidade, verdade, beleza e amor verdadeiro.
Sabei que vós mesmos servis de exemplo e estímulo para os adultos.
Nunca vos fecheis em vós próprios, mas trabalhai por um futuro mais luminoso para todos.
Nunca vos sintais sozinhos!
E nós todos, homens e mulheres, tenhamos a peito a causa da paz.
Encorajemo-nos mutuamente ao longo do nosso caminho.
Trabalhemos para darmos ao nosso mundo um rosto mais humano e fraterno!

COLECTÂNEA DE ORAÇÕES

ORAÇÃO PELA PAZ

Senhor,
faça de mim um instrumento da vossa paz:
onde houver ódio, que eu leve o amor;
onde houver ofensa, que eu leve o perdão;
onde houver discórdia, que eu leve a união;
onde houver dúvida, que eu leve a fé;
onde houver erro, que eu leve a verdade;
onde houver desespero, que eu leve a esperança;
onde houver tristeza, que eu leve a alegria;
onde houver trevas, que eu leve a luz.

Senhor, faça que eu procure mais:
consolar, que ser consolado,
compreender que ser compreendido,
amar que ser amado.

Pois é dando que se recebe,
é perdoando que se é perdoado,
e é morrendo que se ressuscita para a vida eterna!

Oração atribuída a S. Francisco de Assis

PERANTE AS DISCRIMINAÇÕES E OS PRECONCEITOS SOCIAIS

Senhor, ajuda-nos a reconhecer as
discriminações e exclusões que marcam as
nossas sociedades. Conduz o nosso olhar e
ajuda-nos a reconhecer os nossos próprios
preconceitos. Ensina-nos a banir todo o
desprezo e a saborear a alegria de viver juntos
na unidade. Amém.

Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos 2009

PERANTE A INJUSTIÇA ECONÓMICA E A POBREZA

Deus de Justiça, no nosso mundo há lugares em
que transborda a comida; mas há outros em
que não se tem o suficiente e onde os famintos
e os doentes são imensos.

Deus de Paz, no nosso mundo há pessoas que
tiram proveito da violência e da guerra,
enquanto outros, por causa da guerra e da
violência, são obrigados a abandonar os seus
lares e a tornarem-se refugiados.

Deus de Compaixão, ajuda-nos a compreender
que não podemos viver apenas do dinheiro,
mas que podemos viver da Palavra de Deus.
Ajuda-nos a compreender que não podemos
chegar à vida e à prosperidade verdadeira a não
ser amando a Deus e obedecendo à sua vontade
e aos seus ensinamentos.

Isto te pedimos em nome de Jesus Cristo, nosso
Senhor. Amém.

Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos 2009



PELA PAZ E PELA JUSTIÇA

Ó Deus,

que amas a justiça e estabelece a paz na terra,
trazemos perante ti a desunião do nosso mundo
hoje:

a violência absurda e todas as guerras
que minam a coragem dos povos do mundo;
o militarismo e a corrida armamentista
que ameaçam a vida da terra;
a ganância e a injustiça humanas
que geram o ódio e o conflito.

Envia o teu Espírito e renova a face da terra;
ensina-nos a ser compassivos para com toda a
família humana;
fortalece a vontade de todos aqueles e aquelas
que lutam pela justiça e pela paz;
conduz as nações pelos caminhos da paz,
e dá-nos aquela paz que o mundo não pode dar.

*Textes liturgiques: Louons Dieu et célébrons la vie
© Masamba ma Mpolo et Mengi Kilandamoko, Zaire, 1988*

ORAÇÃO PARA VIVER COM SIMPLICIDADE

Deus compassivo e bondoso,
criaste o mundo para ser partilhado por todos,
um mundo de beleza e abundância.

Cria em nós o desejo de viver de forma simples,
para que as nossas vidas possam espelhar a tua
generosidade

Deus criador,
deste-nos a responsabilidade sobre a terra,
um mundo de riqueza e encanto.

Cria em nós o desejo de viver de forma
sustentável, para que aqueles que nos
sucederem possam gozar dos frutos da tua
criação.

Deus de paz e justiça,
deste-nos a capacidade de mudar, de suscitar
um mundo que espelhe a tua sabedoria.
Cria em nós o desejo de agir em solidariedade,
para que os pilares da injustiça desabem e
aqueles que agora estão esmagados sejam
libertados. Amén.

© Linda Jones / CAFOD

ORAÇÃO DA LITURGIA BIZANTINA

Ó Deus, Criador das coisas visíveis e invisíveis,
luz verdadeira e paz que reconcilia:

Tu, que dás a tranquilidade e o amor,
consola os teus servos com a perfeita paz
e alegra-nos com plena serenidade.
Por aquela misericórdia com que restituís
a alegria ao pecador
e voltas a pacificar o Céu com a Terra,
guia os nossos corações para a paz
e une-os no teu amor;
reforça-nos e liga-nos uns aos outros;
afasta a ira, o ódio, as invejas e os litígios,
e dá a todos o teu Espírito Santo.

SENHOR, PEDIMOS-TE PAZ

Senhor, pedimos-te
Paz para aqueles que choram em silêncio;
Paz para aqueles que não podem falar;
Paz quando a esperança parece desaparecer.

No meio da ira, da violência e da decepção,
No meio de guerras e destruição da terra:
Senhor, mostra-nos a tua luz na escuridão.

Senhor, pedimos-te
Paz para aqueles que levantam a sua voz
para a exigir,
Paz quando há muitas pessoas que não querem
ouvir falar dela,
Paz enquanto encontramos o caminho
para a justiça.

Conselho Mundial de Igrejas

ORAÇÃO DE PAULO VI PELA PAZ

Senhor, Deus da paz,
nós Te damos graças pelos desejos,
pelos esforços e pelas realizações
que o teu Espírito de paz tem suscitado
no nosso tempo,
para substituir o ódio pelo amor,
a desconfiança pela compreensão,
a indiferença pela solidariedade.

Abre ainda mais o nosso espírito
às exigências concretas do amor de todos
os nossos irmãos,
para que possamos ser
mais construtores de paz.

Por Cristo, na unidade do Espírito Santo.

OUTRAS MANEIRAS DE ASSINALAR O DIA MUNDIAL DA PAZ E USAR O TEMA

Para além de uma Eucaristia pela paz, pode-se organizar uma paraliturgia pela paz, uma vigília da paz ou outro tipo de evento baseado no tema: *Educar os jovens para a justiça e a paz*.

PROPOSTAS PARA ACTIVIDADES*

As actividades aqui propostas podem ser realizadas com pessoas de todas as idades desde que o animador adapte a linguagem de acordo com as características dos elementos do grupo.

A. Com que se parece a Paz?**

OBJECTIVO

Criar uma oportunidade de pensar sobre a forma como falamos de paz, sobre como a representamos.

MATERIAL NECESSÁRIO

- As citações que são sugeridas (ou outras) inscritas em folhas A4 (e algumas imagens);
- Folhas brancas e canetas de cores;
- Revistas e ou jornais, tesouras e cola.

* Outras actividades em *Cultivemos a Paz. Folhas Temáticas e de Actividades sobre a Paz para Educadores e Animadores*. Lisboa: Pax Christi – Secção Portuguesa, 2003.

** Adaptada da publicação da Pax Christi UK, *Peace Sunday 2012*.

MÉTODO

Convide os membros do grupo a transformarem-se em educadores da paz, tendo assim a oportunidade de comunicar a outros o que é a paz.

Forneça-lhes a lista de citações e deixe-os escolher qual a que cada um gostaria de aprofundar ou ilustrar.

Se for um grupo grande pode ser dividido em grupos de 3 ou 4 elementos para trabalhar sobre cada citação.

Cada um poderá escolher a metodologia que gostar mais: dramatização, entrevista ou diálogo, criação de uma pintura/painel, colagem ou montagem...

Será necessário dar bastante tempo para este trabalho, eventualmente utilizar duas sessões/reuniões e planificar também como serão apresentados os resultados do trabalho: numa assembleia de escola, durante uma celebração religiosa, numa festa ou numa sessão específica.

CITAÇÕES

A guerra não é saudável para as crianças nem para os outros seres vivos.

A guerra é cara, a paz não tem preço.

O fruto da justiça é semeado na paz por aqueles que trabalham pela paz.

(Tiago 3,18)

Podemos bombardear o mundo e fazê-lo desaparecer,
mas não podemos bombardeá-lo de paz.

Aprovem um orçamento para a paz!

Quando os ricos fazem a guerra são sempre os pobres que sofrem.

A paz constrói-se, dia a dia, na busca de uma ordem querida por Deus, que traz consigo uma justiça mais perfeita entre os homens. *(Paulo VI)*

Amai os vossos inimigos e fazei bem aos que vos odeiam.
Desejai o bem aos que vos amaldiçoam e rezai por aqueles que vos caluniam.

(Lucas 6,27-28)

Qualquer um pode amar a paz, mas Cristo não disse “Abençoados os que amam a paz”, disse: “Abençoados os construtores da paz”... *(Jim Wallis)*

B. Tomar decisões justas*

OBJECTIVO

No final da actividade os participantes serão capazes de:

1. Tomar decisões justas e racionais.
2. Avaliar a relevância de critérios utilizados na tomada de decisões sobre assuntos controversos.
3. Assumir a responsabilidade das suas próprias decisões.

CONTEÚDO

Numa sociedade democrática, é importante que cada pessoa seja capaz de tomar decisões justas e racionais. Isto implica ser capaz de avaliar a importância dos critérios nos quais se baseiam as decisões de cada um.

MÉTODO

1. Ler em conjunto e entender o objectivo do texto do **Quadro 1**.
2. Dividir os participantes em 4 grupos (de 5 a 7 pessoas cada).
3. Distribuir a cada grupo uma das tarefas apresentadas no **Quadro 2**.
4. Dar a cada grupo cerca de 20 minutos para discutir a tarefa proposta e encontrar a melhor solução para os problemas apresentados.
5. Um porta-voz de cada grupo apresentará depois em plenário as conclusões da discussão do seu grupo.
6. Depois de cada apresentação, debate-se com todos presentes a importância das soluções propostas para os problemas.
7. Pedir aos participantes que façam uma lista das condições justas ou critérios com base nos quais podemos tomar decisões justas e racionais.
8. Durante a discussão observar e salientar as atitudes individuais dos participantes e a sua capacidade de tomar decisões justas e racionais.
9. Fazer com que todos apresentem exemplos de tomada de decisões justas.
10. Fazer com que cada participante exemplifique a forma como poderá utilizar o processo de tomada de decisões justas na sua vida quotidiana.

* Adaptado de *Cultivemos a Paz. Folhas Temáticas e de Actividades sobre a Paz para Educadores e Animadores*. Lisboa: Pax Christi – Secção Portuguesa, 2003.

QUADRO 1

Critérios para a tomada de decisões

Quando tomamos uma decisão sobre um assunto controverso, temos de pesar seriamente os prós e os contras. Ao fazer isto é importante:

1. Comparar os critérios nos quais baseamos a decisão;
2. Considerar os resultados da decisão tomada segundo determinados critérios;
3. Avaliar a relevância dos critérios utilizados.

QUADRO 2

Seleccionar **4** critérios que possamos considerar importantes para decidir em cada uma das seguintes situações. Discutir no grupo as razões para seleccionar estes critérios.

1. *Ao escolher uma profissão, devo dar muita importância a:*

- a. o meu interesse pelo tipo de trabalho;
- b. a personalidade dos colegas;
- c. o salário;
- d. o contributo do trabalho para a sociedade;
- e. o trabalho de um amigo;
- f. o reconhecimento social do emprego;
- g. as condições de trabalho (por ex. as férias);
- h. o ambiente do local de trabalho;
- i. o salário pago às mulheres;
- j. o trabalho dos meus pais.

2. *Quando participo nas eleições para a Assembleia da República, é muito importante considerar as seguintes características dos candidatos:*

- a. o seu currículo académico;
- b. as origens familiares;
- c. a cidade de origem;
- d. o partido político;
- e. as crenças políticas;
- f. a religião;
- g. a carreira profissional;
- h. as promessas eleitorais;
- i. a personalidade;
- j. o sexo;
- k. a capacidade de liderança;
- l. a moralidade;
- m. as informações dos meios de comunicação social;
- n. a popularidade.

(Continua na página seguinte)

QUADRO 2

(Continuação)

3. Ao escolher um marido/mulher, devo ter em conta o seu/sua:

- a. emprego;
- b. personalidade;
- c. condição económica;
- d. currículo académico;
- e. aspecto;
- f. conceito de casamento;
- g. idade;
- h. família;
- i. capacidades.

4. Como decidiriam nestas situações?

a. Hoje foi o último dia de exames na escola. Depois do último exame, que acabou às 11h.30, fui cedo para casa. A minha mãe pediu-me para ir à estação buscar a minha avó, depois do almoço. Não consegui responder logo porque tinha prometido a um amigo que iria com ele ao cinema de tarde.

–Quais são as minhas alternativas?

–Quais os critérios que devo utilizar para cada alternativa?

–Qual é a melhor opção (decisão)?

b. No bairro há um grupo de jovens rapazes delinquentes. Atormentam os moradores, roubam carteiras e ameaçam-nos.

–Qual é o problema do bairro?

–Haverá soluções para ele?

–Quais os critérios a ter em conta para cada solução possível?

–Qual a solução mais possível de concretizar?

–Quem deve participar na decisão para resolver o problema?

C. O Banquete Mundial*

OBJECTIVO

1. Pôr em evidência as desigualdades sócio-económicas a nível mundial;
2. Fazer com que os participantes tomem consciência da desigualdade de recursos e oportunidades no actual sistema económico internacional.
3. Fomentar uma atitude crítica e solidária face à distribuição injusta da riqueza e dos recursos.

DURAÇÃO

Aproximadamente 60 minutos.

MATERIAL NECESSÁRIO

Como se trata de um banquete, cada participante deverá trazer comida e bebidas como se se tratasse de uma festa: sumos, batatas fritas, sandes, pastéis, bolos,.... Se possível, o animador deve encarregar cada participante de trazer um artigo diferente para que haja todo o tipo de comida e de bebidas.

MÉTODO

1. O animador propõe ao grupo a seguinte situação:

Vamos fazer uma festa para a qual estamos todos convidados. Temos de trazer todo o tipo de comida e de bebidas: sumos, aperitivos, sandes, pastéis, bolos, gelado... e tudo o que quiserem. Neste banquete cada um vai representar um país, mas não sabemos ainda qual será.

O animador toma nota da comida e bebida que cada um vai trazer, distribuída equitativamente. Todos os participantes devem contribuir de forma equiparada para que haja no banquete todo o tipo de comida.

2. Prepara-se a sala para a festa com decoração, música e mesas onde será colocada a comida e as bebidas.

A distribuição da comida e bebidas será feita da seguinte forma:

* Numa(s) mesa(s), bem identificada(s) com uma placa/toalha... de **cor azul**, haverá toda a variedade de alimentos e bebidas, como doces, bolos, gelados, tartes salgadas, presunto, pastéis, etc. Nesta(s) mesa(s) só se poderão sentar os participantes que tenham recebido um *cartão de cor azul*.

* *Cultivemos a Paz. Folhas Temáticas e de Actividades sobre a Paz para Educadores e Animadores.* Lisboa: Pax Christi – Secção Portuguesa, 2003.

- * Noutra(s) mesa(s), identificada(s) com a **cor verde**, haverá comida mais habitual e menos extraordinária. Serão coisas do quotidiano e pouco comuns numa festa: por exemplo, batatas fritas e sandes simples de queijo. Haverá só um tipo de sumo e só fruta para a sobremesa. Nesta(s) mesa(s) só se poderão sentar os participantes que tenham recebido um *cartão de cor verde*.
 - * Noutra(s) mesa(s), identificadas com a **cor vermelha**, haverá apenas batatas fritas e água. Nada de sobremesas, nem outros alimentos ou bebidas. Nesta(s) mesa(s) só poderão comer os participantes que tenham recebido um *cartão de cor vermelha*.
3. O animador deverá explicar, no início, que o jogo só resulta se todos respeitarem as regras e aceitarem aquilo que lhes calhar.
 4. No dia (início) da festa, à entrada da sala, o animador distribui ao acaso um cartão/convite a cada participante. Estes cartões, que cada um deverá usar, bem visível, pendurado ao pescoço, são de três tipos:
 - * *De cor azul*: representam os países ricos, como E.U.A., Canadá, Alemanha, França, Inglaterra,... e os que os recebem sentam-se na(s) mesa(s) azuis.
 - * *De cor verde*: representam os países em vias de desenvolvimento, tais como Argentina, Coreia, Brasil, México, Egipto.... e os que os recebem sentam-se na(s) mesa(s) verdes.
 - * *De cor vermelha*: representam os países pobres, da periferia, Haiti, Sudão, Etiópia, Gana, Zimbabué... e os que os recebem sentam-se na(s) mesa(s) vermelhas.

O animador deixa decorrer o banquete durante 10 a 15 minutos, observando as reacções e comportamentos dos participantes. Passado esse tempo, pode então sugerir aos “países ricos” que sejam solidários e convidem os “países pobres”.

5. Terminado o banquete, deve realizar-se um debate.

Sugestões de perguntas para o debate:

- * Qual a cor que te calhou no banquete? Que tipo de comida e bebidas tiveste disponíveis?
- * Como te sentiste? Achas que foi uma situação justa?
- * Qual a relação entre esta festa e o actual sistema mundial?
- * Que outras formas de comportamento achas que se deveriam aplicar no “banquete mundial”?
- * Na tua opinião, quais as causas que são responsáveis por esta situação injusta a nível mundial?



IDEIAS PARA TRABALHAR COM CRIANÇAS*

Criar um alfabeto da Paz**

OBJECTIVO

Ajudar as crianças a pensar sobre as muitas maneiras que temos para construir a paz nas nossas famílias, comunidades e escolas.

MATERIAL NECESSÁRIO

- 26 folhas, cada uma com uma das letras do alfabeto conforme ilustração;
- Lápis de cores.

MÉTODO

Distribuir as folhas com as Letras.

Pedir às crianças para olharem para a letra (letras) que lhes foram entregues.

Diga-lhes que falem com o parceiro mais próximo (à direita ou à esquerda) sobre as palavras começadas por essa letra que as possam ajudar a descrever o que é a paz/o que é construir a paz. Por ex: A – é uma ARTE; B – é ser BOM, é BELO...

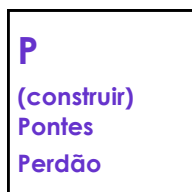
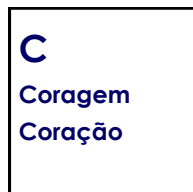
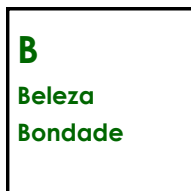
Depois de lhes dar tempo para fazer isto, podem escrever a palavra que escolheram e/ou ilustrá-la se assim quiserem. As folhas com as letras e palavras podem depois ser apresentadas pelas crianças durante uma Eucaristia pela Paz (no ofertório, por ex.) e colocadas em exposição constituindo o Alfabeto da Paz.

* Para mais actividades ver *Com as Crianças Construir a Paz. Caderno de fichas para Professores e Animadores de grupos de crianças com idades entre os 6 e os 13 anos*. Lisboa: Pax Christi – Secção Portuguesa, 1995.

** Adaptada da publicação da Pax Christi UK, *Peace Sunday 2012*.

ALFABETO DA PAZ*

A Paz é



* Com crianças mais pequenas as palavras podem já estar escritas nas folhas e ser-lhes pedido que façam um desenho ilustrando a palavra ou que pintem/enfeitem as letras.

PARA APROFUNDAR

A Educação para a Paz tem sido uma preocupação e um investimento fundamental da secção portuguesa da Pax Christi, Movimento Católico Internacional para a Paz, desde o seu início. Além de workshops e acções de formação, têm sido também produzidos materiais pedagógicos. Destacamos os seguintes:

A Pedagogia da Paz numa sociedade multicultural. Textos de intervenções no “Fórum de Pedagogia da Paz”. Lisboa, 28 e 29 de Maio de 1994



Família, Escola, Igreja, Comunicação Social e, também, o Estado têm um papel fundamental no desenvolvimento da consciência individual e colectiva. Como está a ser desempenhado este papel? Como desenvolver uma pedagogia que eduque para a Paz, e, portanto, para os valores fundamentais da pessoa e da convivência humana? Foram estas e outras questões fundamentais para a construção de uma verdadeira PAZ na nossa sociedade, que tentámos analisar num seminário que a Pax Christi portuguesa organizou por ocasião do “Fórum de Pedagogia da Paz” que teve lugar a 28 e 29 de Maio de 1994, em Lisboa. Nesta brochura são apresentados os textos de algumas das intervenções feitas neste seminário. Pela importância dos seus conteúdos julgamos que estas constituem bases fundamentais de reflexão para todos quantos se interessam pela educação para a paz. 43 págs. A4; 1994 - € 3.00.

Com as Crianças Construir a Paz. Caderno de fichas para Professores e Animadores de grupos de crianças com idades entre os 6 e os 13 anos



Este caderno de fichas pretende ser uma ajuda para professores e animadores de grupos de crianças com idades entre os 6 e os 13 anos. Está estruturado em três partes: 1ª - Fichas de texto com indicação de algumas possibilidades de exploração dos mesmos; 2ª - Fichas práticas que podem ser reproduzidas para ser trabalhadas com as crianças; 3ª - Anexos (Desenhos de apoio para algumas actividades); Na 1ª e 2ª partes as fichas estão também organizadas por temas: Guerra e Paz, Tolerância, Solidariedade. No entanto a partir destas fichas, outros temas podem ser abordados e desenvolvidos: violência e não-violência, interdependência, racismo, direitos humanos, diálogo inter-religioso e intercultural, etc. As fichas de texto e fichas práticas podem ser utilizadas separadamente ou em conjunto e pela ordem que o animador e/ou professor julgar mais adequada. 25 págs. A4; 1995 - € 2.00.

Cultivemos a Paz. Folhas Temáticas e de Actividades sobre a Paz para Educadores e Animadores



Na senda da celebração do Ano Internacional da Cultura de Paz (2000), surgiram estas folhas temáticas e de actividades, a que apelidámos de “*Cultivemos a Paz*”. Foi seu objectivo proporcionar, mensalmente, algum material de reflexão e sugestões de actividades simples que pudessem ser realizadas em grupo, a todos quantos pretendam trabalhar para a construção da paz, nomeadamente educadores e animadores. Ao longo de 12 meses foram saindo, mais ou menos regularmente, 12 temas para reflexão inspirados nas oito esferas de acção apontadas pela *Declaração e Programa de Acção sobre uma Cultura de Paz das Nações Unidas* (resolução A/53/243, de 13 de Setembro de 1999): Cultura de paz através da educação; Desenvolvimento económico e social sustentável; Respeito por todos os direitos humanos; Igualdade entre homem e mulher; Participação democrática; Compreensão, tolerância e solidariedade; Comunicação participativa e livre circulação de informação e conhecimentos; Paz e segurança internacionais. Eis agora todo esse material reunido numa única publicação. 82 págs a cores. A4; 2003 - € 10,00. Também disponível em CD - € 5,00.

Era uma vez um conflito. A resolução de conflitos para todas as idades



Os contos de fadas são como um espelho para muitos dos problemas contemporâneos. Se os analisarmos cuidadosamente, encontramos reflexos de conflito étnico, crime, problemas de dívidas, expansão urbana, desagregação familiar, pobreza, ciúmes e intolerância. Nesta brochura, “*Era uma vez um conflito. A resolução de conflitos para todas as idades*”, o ângulo sob o qual é apresentado cada exercício de resolução de conflitos não pretende ser “a verdade” da história original. É apenas um dos cenários possíveis, escolhido para exemplificar alguns dos problemas que encontramos hoje. As histórias foram adaptadas, para mostrar como é que as coisas poderiam ter sido encaradas do ponto de vista das personagens menos simpáticas.

Esta brochura não pretende ser um “*manual*” de resolução de conflitos, são apenas feitas algumas propostas de exercícios práticos e fornecidas as regras e técnicas básicas da resolução de conflitos da mediação. 32 págs. A5; Janeiro 2008 - € 2,00.

Gestão de Conflitos. Um Incentivo para uma Melhor Compreensão



Durante a Semana da Paz, celebrada entre 17 de Setembro e 3 de Outubro de 1993, a Pax Christi Flamengo, juntamente com outras Organizações de Paz, pretenderam pôr em destaque o tema do conflito. O slogan “Não evites o conflito” constituiu um apelo para que cada pessoa aprenda a lidar com os conflitos. Esta brochura, “*Gestão de Conflitos. Um Incentivo para uma Melhor Compreensão*”, resultado dessa semana, contém algumas informações básicas sobre gestão de conflitos e pretende ser um contributo para aqueles que desejem estudar com maior profundidade este assunto fascinante e simultaneamente tão complexo. 36 págs. A5; Janeiro 2008 - € 2,00.

Estas e outras publicações podem ser solicitadas através do e-mail: paxchristi_pt@hotmail.com.

Mais informações em: <http://www.paxchristiportugal.net>.

TEMAS DAS MENSAGENS PARA O DIA MUNDIAL DA PAZ (1968-2012)

PAULO VI

- | | |
|--|---|
| <p>1968: O 1º de Janeiro: Dia Mundial da Paz</p> <p>1969: A promoção dos direitos do homem, caminho para a paz</p> <p>1970: Educar-se para a paz através da reconciliação</p> <p>1971: Todo o homem é meu irmão</p> <p>1972: Se queres a paz, trabalha pela justiça</p> <p>1973: A paz é possível</p> <p>1974: A paz também depende de ti</p> <p>1975: A reconciliação, caminho para a paz</p> <p>1976: As verdadeiras armas da paz</p> <p>1977: Se queres a paz, defende a vida</p> <p>1978: Não à violência, sim à paz</p> | <p>1991: Se queres a paz, respeita a consciência de cada homem</p> <p>1992: Os crentes unidos na construção da paz</p> <p>1993: Se procuras a paz, vai ao encontro dos pobres</p> <p>1994: Da família nasce a paz da família humana</p> <p>1995: Mulher: educadora de paz</p> <p>1996: Dêmos às crianças um futuro de paz</p> <p>1997: Oferece o perdão, recebe a paz</p> <p>1998: Da justiça de cada um nasce a paz para todos</p> <p>1999: No respeito dos direitos humanos o segredo da verdadeira paz</p> <p>2000: “Paz na terra aos homens, que Deus ama!”</p> |
|--|---|

JOÃO PAULO II

- | | |
|--|---|
| <p>1979: Para alcançar a paz, educar para a paz</p> <p>1980: A verdade, força da paz</p> <p>1981: Para servir a paz, respeita a liberdade</p> <p>1982: A paz: dom de Deus confiado aos homens</p> <p>1983: O diálogo para a paz, um desafio para o nosso tempo</p> <p>1984: De um coração novo nasce a paz</p> <p>1985: A paz e os jovens caminham juntos</p> <p>1986: A paz é um valor sem fronteiras. Norte-Sul, Leste-Oeste: uma só paz</p> <p>1987: Desenvolvimento e solidariedade, chaves da paz</p> <p>1988: Liberdade religiosa, condição para a convivência pacífica</p> <p>1989: Para construir a paz, respeitar as minorias</p> <p>1990: Paz com Deus criador, paz com toda a criação</p> | <p>2001: Diálogo entre as culturas para uma civilização do amor e da paz</p> <p>2002: Não há paz sem justiça, não há justiça sem perdão</p> <p>2003: “<i>Pacem in terris</i>”: um compromisso permanente</p> <p>2004: Um compromisso sempre actual: educar para a Paz</p> <p>2005: Não te deixes vencer pelo mal, vence antes o mal com o bem</p> |
|--|---|

BENTO XVI

- | |
|---|
| <p>2006: Na verdade, a paz</p> <p>2007: A pessoa humana, coração da paz</p> <p>2008: Família humana, comunidade de paz</p> <p>2009: Combater a pobreza, construir a paz</p> <p>2010: Se quiseres cultivar a Paz, preserva a Criação</p> <p>2011: Liberdade Religiosa, Caminho para a Paz</p> <p>2012: Educar os jovens para a justiça e a paz</p> |
|---|



Pax Christi Portugal

A/c CRC

Rua Castilho, 61 – 2º Dtº

1250-068 LISBOA

E-mail: paxchristi_pt@hotmail.com

Webpage: <http://www.paxchristiportugal.net>